

Novos Rumos para a Educação Física no Brasil

I PARTE

INEZIL PENNA MARINHO

A UNESCO PROMOVERÁ UMA REUNIÃO PARA ESTUDAR O VERDADEIRO PAPEL DOS DESPORTOS NA EDUCAÇÃO

1. A "ENQUÊTE" QUE A UNESCO ESTÁ REALIZANDO

DAS mais oportunas e interessantes é a "enquête" ora formulada pela UNESCO relativamente ao papel que os desportos podem desempenhar na Educação. Não há como negar que, dia a dia, cresce a importância desse papel e as gerações que se preparam para a vida social se mostram mais e mais atraídas pelas práticas desportivas. Conclui-se, daí, que não devam ser os desportos combatidos, mas aproveitados inteligentemente, como força positiva, de modo tal que os processos de que se vale a Educação sejam enriquecidos com novas técnicas. Em tôdas as principais nações do mundo, os desportos se têm revelado como força social de extraordinária potência, que deverá ser aproveitada em seu verdadeiro sentido positivo.

No Brasil, poderemos afirmar sem receio de contestação, nas duas últimas décadas, o surto desportivo não foi igualado em nenhum dos outros setores de atividade humana. Assim, nosso país, tanto como os outros ou mesmo mais que estes, está interessado no assunto que ora se constitui objeto de atenção por parte da UNESCO.

"Os desportos já não se confinam nas divisas de suas próprias fronteiras além das quais não deva ir a iniciativa privada. Prolongam-se, ramificam-se no seio da vida, no alvoroço dos interesses coletivos e necessitam de leito próprio, por onde possam prosseguir, sem atropelar o curso dos outros caminhos, de cujo conjunto a vida social subtrai a expressão e a beleza de cada momento.

Como escola, os desportos educam os indivíduos e preparam os cidadãos".

A "enquête", que a UNESCO está realizando entre os países membros dessa organização internacional, consta das quatro seguintes perguntas:

1.^a) Seria conveniente que a UNESCO organizasse, por grupos de países, uma "enquête" coletiva sobre o papel do esporte no ensino em cada um deles e sobre os fatores que parecem exercer uma ação favorável ou nefasta em matéria de educação?

2.^a) Haveria interesse em convocar, depois do recebimento dos relatórios estabelecidos pelos Estados-Membros e pelas associações internacionais interessadas em educação, uma conferência internacional encarregada de estudar esta questão?

3.^a) Haverá interesse em organizar uma "enquête" de caráter mais especializado, sobre a influência de manifestações desportivas de caráter internacional sobre a compreensão internacional?

4.^a) Haveria interesse em promover uma ou mais medidas indicadas acima por ocasião de uma manifestação esportiva de caráter internacional, os Jogos Olímpicos de 1956, por exemplo?

Assim, a UNESCO, que se tem interessado por vários problemas relacionados com os mais distintos setores da atividade humana, ainda não dispensou a atenção necessária aos desportos, que, em nossos dias, tão facilmente mobiliza a opinião pública. Inteligentemente explorados, os desportos se poderão transformar em poderosa força de penetração capaz de modificar os multisseculares hábitos dos mais tradicionais países.

2. OS DESPORTOS NA FORMAÇÃO DO CARÁTER

A ação educativa dos desportos não é apenas de ordem física, conforme muita gente ainda supõe, mas principalmente de natureza moral e psíquica. Eles poderão contribuir de forma decisiva para a formação do caráter, para a consolidação de uma vontade firme.

Há duas épocas na vida do homem que são muito importantes para a formação do caráter; a primeira quando a criança adquire o uso da razão e a segunda quando o jovem entra em contato com a sociedade na luta pela vida. A puberdade é também uma fase perigosa, no que diz respeito aos vícios de ordem sexual. Este é o motivo por que, na nossa opinião, devemos prestar uma assistência muito cuidadosa aos indivíduos que atravessam esse período, esclarecendo-lhes certos fenômenos naturais e orientando-lhes o instinto sexual para um desenvolvimento rigorosamente normal.

Dentre as qualidades morais que devem ser desenvolvidas para a formação de um caráter ideal destacam-se a coragem, a tenacidade, a per-

severança, a generosidade, o espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação, a energia, a confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta.

E tôdas essas qualidades, indispensáveis à vitória do homem nos embates cotidianos da vida, podem ser obtidas por meio dos desportos, que, adestrando o corpo, elucidam o espírito e acrisolam o caráter.

A coragem é indispensável em qualquer empreendimento humano, pois aquêles que admite a derrota antes da luta, já está vencido sem nela ter ainda tomado parte. "A coragem é órgão da atividade que determina as ações" (S. DÓRIA — "Educação Moral e Educação Econômica"). A prática de desportos cuja realização exige atividade pronta e resoluta aumenta progressivamente o grau de coragem dos indivíduos que àquela se submetem. Do mesmo modo, a tenacidade e a perseverança só pode ser alcançada por meio de lutas contínuas, qualquer que seja a sua modalidade, e os desportos, individuais ou coletivos, são o meio indicado para a consecução de tal objetivo.

A generosidade é peculiar aos que conhecem o valor das suas forças e não as utilizam contra um adversário mais fraco, incapaz de resistir-lhe. A generosidade é própria dos fortes, dos que sabem lutar e vencer, daqueles que amparam os fracos contra a tirania dos déspotas.

O espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação só poderá ser despertado pelos jogos e desportos coletivos, em que cada indivíduo trabalha para uma causa comum: a vitória do seu grupo.

A energia somente a possuem os indivíduos que não abandonam uma causa, por mais perdida que pareça, mas que, quando assim os outros a consideram, redobram os seus esforços e transformam a iminente derrota na mais estrondosa vitória. Só aquêles que não se abatem à superioridade numérica ou de posição do adversário, que preferem morrer num pôsto a cedê-lo, possuem caráter apreciável. E, nas competições desportivas, a preparação para êsse fim pode ser feita metódicamente, aumentando-se, pouco a pouco, a complexidade e a importância dos torneios.

A confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta não as possuem os homens de espírito fraco. E a fé em si é condição da vitória, ainda que sem derrota de ninguém.

Só os indivíduos de ânimo forte, aquêles que confiam em suas próprias forças, que não utilizam meios desleais para levar de vencida um adversário, que não fogem à simples visão de um embate, que jamais abandonam a liça depois de iniciada a luta, só êstes são dignos de admiração, somente êstes merecem ser imitados.

E "a melhor maneira de aprender a competir no jôgo da vida, está nas competições desportivas".

Eis os verdadeiros princípios da mais sã moral, alicerces seguros de uma moral social sólida e que fará qualquer povo próspero, feliz e respeitado.

3. OS DESPORTOS NA EDUCAÇÃO DA VONTADE

"A educação da vontade produz homens de ação. A educação da moral, homens de bem. Mas recaem ambas sôbre a vontade. Por isso a educação moral é educação da vontade" (DÓRIA, S. — "Educação Moral e Educação Econômica").

Uma vontade firme e decidida é por si só um grande bem. Ouase todos os autores são unânimes em afirmar que a educação moral está baseada na educação da vontade.

KERSCHENSTEINER ("El alma del educador y el problema de la formación del maestro") assevera que "la finalidad fundamental de toda educación es determinar cada vez más claramente la voluntad del alumno, para proporcionarle un carácter firme, dispuesto por la costumbre y regido por principios concretos".

SPENCER ("Educação intelectual, moral e física") diz que os homens independentes são aquêles que não se curvam à vontade alheia, que mantêm os seus princípios em tôdas as circunstâncias e exemplifica com a diferença fundamental entre os sistemas educacionais da Inglaterra e da Alemanha.

O indivíduo de vontade educada é senhor de todos os seus atos, sabe o que deseja e controla-se nas mais difíceis circunstâncias, encontrando sempre solução aos intrincados problemas que lhe sejam propostos. Mas, só por uma prática constante, poderemos obter a subordinação dos nossos desejos ao poder da vontade. "A conquista de si mesmo não é fácil. Mas uma vez conseguida traz àquele que a consegue a alegria de viver" (CARREL, A. — "Renove seu próprio Eu").

Conseqüentemente, podemos afirmar que a "educação moral é, em substância, educação da vontade" (DÓRIA, S. — *Ob. cit.*).

E o melhor meio de educar a vontade está na prática dos desportos. O atleta que, sentindo fraquejarem-lhe as forças para atingir a meta, consegue num esforço supremo alcançar a vitória, única e exclusivamente pelo poder de férrea vontade, realiza totalmente a sua tarefa, transformando a energia moral, que a sua vontade lhe empresta, em energia física. "Aquêles que hoje realiza um esforço titânico, empregando a última de suas energias para alcançar em primeiro lugar a meta, ou para transpor o sarrafo à máxima altura, é o mesmo que amanhã não tergiversará em sacrificar a última gota de sangue para manter uma posição, para garantir um assalto, para repelir um inimigo" (MARINHO, I.P. — "A significação dos IV Jogos Olímpicos Universitários").

"A educação da vontade baseia-se na educação do corpo. A ação é atividade muscular, mas

é também atividade nervosa e mental. Educai, pois, o cérebro exercitando os músculos... E' para o bem do espírito que queremos a educação física" (THIELE, A. — "Die Neue Erziehung Werden und Wesen Leibungungen Leipzig").

Os grandes pintores e escultores sempre que pretenderam encarar o indivíduo derrotado, moralmente aniquilado, representaram-no de ombros caídos, braços ao longo do corpo, frente baixa e olhos fixos no chão; ao contrário, o espírito superior era representado pela frente altiva, ombros na linha horizontal, braços em gestos simbólicos, olhar firme e decidido.

Os gregos, aos quais não se pode negar o adiantado grau de civilização que alcançaram, amavam o belo, e todos os seus deuses, inclusive Athene, a Minerva dos Romanos, que representava a inteligência, a deusa da Razão, êles a tinham concebido sob as mais lindas formas. Apolo, o Phoebus dos latinos, que simbolizava as artes e as letras, era representado como o tipo mais perfeito de beleza masculina.

Não resta, pois, a menor dúvida de que a educação moral tem por base a educação da vontade, mas para obter esta devemos tomar por ponto de partida a educação física, para a qual os desportos representam um dos meios mais eficientes.

4. OS DESPORTOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

ROUSSEAU na sua obra "Emílio" afirmou: "Cultivai a inteligência dos vossos alunos, mas cultivai, antes de tudo, o seu físico, porque é êle que vai orientar o seu desenvolvimento intelectual. Fazei primeiro o vosso aluno são e forte, para que possais vê-lo inteligente e sábio".

Geralmente, nos indivíduos que gozam de pouca saúde, nota-se que é o estado físico quem comanda o espírito, subordinando-se êste inteiramente aos constantes caprichos daquele. O corpo, e assim pensa Rousseau, deve portar-se como servo obediente do espírito para que o homem possa concretizar os seus sonhos e realizar tôdas as suas aspirações. O espírito é o comandante que determina as grandes ações e o corpo o exercício que as realiza; e qualquer um dos dois, sem o concurso do outro, jamais poderá atingir o objetivo colimado.

"Comparem-se, outrossim, os estados da alma de dois indivíduos, um fraco e mole, outro musculoso e bem exercitado em educação física: no último as fibras musculares tonificadas e sempre em iminência de contração, provocam um sentimento de força, de leveza, de otimismo, que o primeiro não conhece" (ROUGES — "Educação do Caráter").

Dentro do próprio quadro das atividades físicas, os desportos se mostram muito superiores aos exercícios formais, conhecidos genêricamente por ginástica e classificados imprópriamente pelo Regulamento Geral de Educação Física n.º 7, no Brasil, sob a denominação de "flexionamentos".

Os exercícios analíticos, de efeitos morfológicos por excelência, são indicados para a correção de pequenos defeitos, desvios de normalidade, e ainda como exercícios de compensação para os indivíduos obrigados a permanecer por muito tempo em uma mesma posição ou que trabalham solicitando apenas certas sinergias musculares. São todos exercícios artificiais, inventados pelo homem e utilizados quase sempre pelos jovens que desejam obter musculatura cheia de relevos ou pelos adultos que procuram reduzir a dilatação de seu abdome, proveniente da flacidez da parede abdominal.

Mas não são êsses os exercícios que ativam as grandes funções, que emprestam maior resistência ao organismo, isto é, que proporcionam o treinamento orgânico, que desenvolvem a aptidão física, que aumentam a coordenação do sistema neuromuscular, que ensinam o homem a utilizar as suas forças inteligentemente. Para êsses resultados são indicados os exercícios sintéticos, de efeitos acentuadamente fisiológicos que, muitas vezes, não desenvolvendo grande musculatura, proporcionam, no entanto, ao indivíduo excelente resistência orgânica.

O alcance dos desportos, como meio de educação física, poderá ser resumido em três princípios fundamentais:

I — exigir dos organismos dos indivíduos submetidos a tal regime de trabalhos físicos esforços cujo grau de intensidade aumenta paulatinamente, sem provocar, por esta forma, grandes reações orgânicas, sempre de efeitos prejudiciais sobre a saúde;

II — conseqüentemente, obter a maior resistência orgânica dos indivíduos, de modo que êstes possam suportar trabalhos de qualquer natureza, aos quais não resistiriam em outras circunstâncias;

III — desenvolver a capacidade física pelo aumento sucessivo de complexidade dos exercícios, de tal sorte que um indivíduo de aptidão inferior possa sobrepujar outro de maior aptidão, pelo uso mais inteligente de suas forças.

E' de grande importância ressaltar que, enquanto os exercícios analíticos proporcionam quase exclusivamente o desenvolvimento corporal, os desportos possibilitam o treinamento orgânico, isto é, a adaptação do organismo a grandes esforços.

O uso das práticas desportivas como meio educacional deve ser feito com grande cautela, a fim de que não se exijam dos organismos, ainda na fase de sua evolução, esforços demasiados que a venham perturbar. Aqui deverão sempre os desportos ser adaptados ao valor físico dos educandos, adaptação esta que se processará mediante a redução do tempo de duração da prática e das dimensões das provas. Não deverá também ser esquecido, e isto é fundamental, que os educandos participam das práticas desportivas sempre em igualdade de condições, quer sob o ponto de vista físico, quer sob o técnico.

Dentre as qualidades de ordem psico-somáticas que os desportos, utilizados como meio educacional, podem despertar, destacam-se o vigor, a resistência, a destreza, a flexibilidade articular, a velocidade, a acuidade sensorial, a coordenação de movimentos, a independência das contrações musculares e a harmonia das formas e das proporções.

5. A COMPETIÇÃO NA VIDA DO HOMEM

A competição é o ato ou efeito de competir. Competir (competere) é concorrer na mesma pretensão com outro.

Na verdade, a competição é o único meio de verificação dos resultados do treinamento desportivo, porque permite comparar o trabalho de um técnico com o de outros, estabelecer a relação entre o preparo físico, técnico e tático de um desportista com o de outros, enfim, viver situações novas, bem diversas das em que se verificou o treinamento, e que não poderiam ser provocadas pelo técnico com todos os recursos de que dispusesse.

O estado de forma de um desportista ou de uma equipe deverá ser alcançado nas proximidades da data em que a competição terá lugar. A forma é uma situação instável, capaz de prejudicar-se sob a influência de fatores que possam trazer perturbações de qualquer ordem ao organismo. A solicitação de um esforço violento ou uma emoção extremamente forte às vésperas da prova ou do jogo poderá trazer a perda da forma. Esta se exprime pelas excelentes condições físicas, táticas e psicológicas que o desportista apresenta; e elas deverão conjugar-se no seu grau mais elevado, quando tal estado é atingido. E não é outra a razão por que até um traumatismo psíquico poderá acarretar a perda da forma.

Quando a forma é atingida, o desportista é dado em situação de competir. E a verificação do seu aproveitamento só deverá ser feita de um modo: pela própria competição. Qualquer outro procedimento será errôneo.

Não será demais repetir que o desportista não vence só pelo seu preparo físico ou apuração de sua técnica, mas também pelas suas condições psíquicas, e pela aplicação de sua tática. A preparação psicológica do atleta deverá ir sendo feita lentamente, durante tôdas as fases do treinamento, de modo que êle possa adquirir confiança nas suas possibilidades, sem, no entanto, menosprezar as do adversário. Com relação ao outro aspecto, quando dois desportistas se apresentam física e tecnicamente equivalentes, a vitória pertencerá àquele que adotar a tática mais indicada para as circunstâncias. E isso, se importante se torna para os desportos individuais, muito mais o é para os desportos coletivos em que uma inferioridade técnica pode, às vezes, ser suprida por uma tática eficiente. A simples mudança de uma chave, a troca de um jogador de posição, a característica

dos passes, tudo isso pode influir decisivamente para a vitória ou a derrota de uma equipe.

Cada competição em que o indivíduo intervém, quer como disputante, quer como treinador, contribui sempre para aumentar a sua experiência, enriquecê-la com as novas situações com as quais se defronta. A vitória ou a derrota em uma competição é a prova mais objetiva da verificação dos resultados do treinamento desportivo; por outro lado, e êste é um dos seus aspectos capitais, permite comparar o trabalho de um técnico desportivo com o dos outros, as possibilidades máximas de um desportista ou equipe com as de outros desportistas ou outra equipe.

A competição é, pois, o verdadeiro meio de verificação do trabalho no treinamento desportivo.

Se estudarmos o método francês (Joinville-le-Pont) com os seus certificados de Educação Física e as tabelas de pontos para medir a eficiência física, tão do gosto dos norte-americanos, encontraremos situações opostas em duas grandes escolas: a francesa, contra a competição, contra o recorde, e a americana, a favor da competição, a favor do recorde.

A escola francesa está bem caracterizada pelos índices estabelecidos para as provas de eficiência física, onde não existe a preocupação do melhor resultado que cada indivíduo possa obter, mas tão-somente que todos os indivíduos alcancem um índice mínimo, estabelecido por meio de tratamento estatístico.

Contrariamente, a escola americana busca o rendimento máximo de cada indivíduo em cada setor. Não lhe interessa que os indivíduos alcancem seu melhor resultado, obtenham a sua melhor performance. E' a luta pelo recorde.

6. A FAVOR OU CONTRA O RECORDE?

A favor ou contra o recorde? eis uma questão que tem suscitado grandes discussões.

O recorde significa a luta do homem contra o espaço e o tempo; cada recorde quebrado assinala mais uma vitória da sua eficiência física. Formamos entre aqueles que defendem o recorde nos desportos encarados como meio de competição, porque êle representa o verdadeiro objetivo da própria competição. Se compararmos os resultados obtidos nos Jogos Olímpicos de 1896, realizados em Atenas, com os alcançados em 1952, nos Jogos de Helsinki, poderemos ter uma idéia de quanto o homem aprimorou, pela competição, o rendimento de suas forças físicas. Sim, o rendimento, a utilização mais inteligente de suas forças porque estas que o homem de hoje possui são as mesmas que o homem de meio século atrás possuía.

Para reforçar a nossa opinião, apresentaremos um quadro comparativo dos resultados das

provas individuais, assinalados em 1896 e verificados em 1952. Ele será argumento convincente para demonstrar a importância das competições:

1896 — Atenas

1952 — Helsinki

PROVAS ATLÉTICAS

LUTAS CONTRA O TEMPO

100m. — T. Burk — (U.S.A.) 12s.
 400m. — T. Burk — (U.S.A.) 54,4s.
 800m. — E. Flack (Austrália) 2.11m.
 1.500m. — E. Flack (Austrália) 4m.53,2s.
 110c/b. W. Curtis (U.S.A.) 17,6s.
 Mart. S. Louis (Grécia) 2h55,20m.

Remigino (U.S.A.) 10,4s.
 Rhoden (Jamaica) 45,9s.
 Whitfiels (U.S.A.) 1m.49,2s.
 Barthel (Luxemburgo) 3m.45,2s.
 Dillard (U.S.A.) 13,7s.
 Zatopek (Tchecoslováquia) 2h.23.

LUTAS CONTRA O ESPAÇO

S. Atl. — E. Clarke (U.S.A.) 1,81m.
 S. Vara — W. Hoyt (U.S.A.) 3,3m.
 S. Dist. — E. Clarke (U.S.A.) 6,34m.
 S. Trip. — J. Conelly (U.S.A.) 13,725.
 Disco — R. Carret (U.S.A.) 29,165.
 Pêso — R. Carret (U.S.A.) 11,22m.

Davis (U.S.A.) 2,04m.
 Bob Richards (U.S.A.) 4,60m.
 Biffle (U.S.A.) 7,57m.
 Ademar Silva (Brasil) 16,22m.
 Iness (U.S.A.) 55,03m.
 O'Brien (U.S.A.) 17,41m.

NATAÇÃO

100m. A. Hoyos (Hungria) 1,22m.
 400m. T. Neumann (Áustria) 8m.12s.

Scholes (U.S.A.) 57,4s.
 Boiteux (França) 4m.30,7s.

Observação: São os seguintes os resultados de 1936, em Berlim, melhores que os de 1952, em Helsinki:

100m. — Jesse Owens (U.S.A.) 10,2s.

S. Dist. — Jesse Owens (U.S.A.) 8,06m.

O espírito de competição, poderemos dizer, é inato no homem, manifesta-se na criança desde os albores de sua infância nas mais simples demonstrações. Assim, por exemplo, quando um pai regressa à sua casa, os filhos, que o esperam, correm a abraçá-lo e cada qual quer chegar primeiro. Que é isso, senão *competição*?

A competição, quer do ponto de vista físico, quer do moral ou ainda do social, apresenta vantagens positivas (vantagens) e negativas (perigos), que poderão ser esquematicamente traduzidos no seguinte quadro:

DE NATUREZA	VANTAGENS	PERIGOS
FÍSICA	Aumento da capacidade física, pela adaptação progressiva do organismo à natureza do esforço físico; aumento das grandes funções vitais; aumento da capacidade de recuperação orgânica; desenvolvimento de habilidades específicas; resistência à fadiga; euforia.	Desgaste da capacidade física por falta de adaptação progressiva do organismo à natureza do esforço físico; hipertrofia dos órgãos responsáveis pelas grandes funções vitais; diminuição da capacidade de recuperação orgânica; falta de resistência à fadiga; inapetência; sudorese excessiva; insônia; mal-estar geral.
MORAL	Confiança em si próprio; espírito de luta; aumento de todas as energias morais; lealdade; disciplina; alegria; altruísmo; sublimação dos instintos de agressão.	Falta de confiança em si próprio; espírito de fraude; envilecimento de todas as energias morais; deslealdade; indisciplina; arrogância; complexos; egoísmo; exaltação dos instintos de agressão.
SOCIAL	Espírito de grupo; solidariedade e integração social; capacidade de liderança.	Falta do espírito de grupo; desajustamento social; incapacidade de liderança.

O valor social da competição é inegável, pois é nos campos desportivos que se tempera o homem para os embates da vida.

Os desportos representam, em nossos dias, a força extraordinária que não deve ser combatida, mas inteligentemente aproveitada, sublimando-se-lhe qualquer aspecto negativo para realçar e utilizar as suas valências positivas.

A ORIENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA DÉCADA 1940-1950

1. OS INQUÉRITOS PROMOVIDOS PELA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Instituída em 1937, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, três anos depois de sentir intimamente o problema, vivendo-o em seus mínimos detalhes, chegou à conclusão de que as bases do Método Francês não correspondiam integralmente às nossas necessidades. A função social da Educação Física, entre nós, deveria ser muito importante e o Regulamento nem sequer a considerava; por outro lado, a parte psicológica deveria merecer um cuidado todo especial, para que os programas pudessem ser executados sem que os exercícios constituíssem para os educandos "trabalhos forçados", utilizando a feliz expressão de Claparède.

Quando a Divisão de Educação Física iniciou os seus trabalhos, organizou durante os três primeiros anos um sistema de inquérito que lhe permitiu saber as condições em que se encontravam os estabelecimentos de ensino secundário. Dos dados colhidos, referentes aos anos de 1938, 1939 e 1940, não deixa de ser curioso observar os métodos de Educação Física adotados, embora o oficial fôsse o método Francês.

Eis o resultado apresentado pelos estabelecimentos que responderam à "Ficha de Informações".

Em 1938 :

	Estabelecimentos
Francês	154
Sueco	32
Alemão	18
Diversos	46
Sem especificação	25
Soma	275

Em 1939 :

	Estabelecimentos
Francês	465
Sueco	43
Alemão	2
Diversos	62
Sem especificação	25
Soma	597

Em 1940 :

	Estabelecimentos
Francês	543
Sueco	34
Alemão	2
Diversos	20
Sem especificação	12
Soma	611

A percentagem apresentada pelo Método Francês na adoção dos métodos era a seguinte:

Em 1938	61,6 %
Em 1939	81,3 %
Em 1940	90,6 %

Em 1941, essa percentagem foi praticamente integral devido à fiscalização exercida pela Divisão de Educação Física no sentido de compelir os estabelecimentos de ensino ao cumprimento das disposições legais.

De 1940 a 1942, a D.E.F. se dedicou a estudar o assunto referente ao "Método Nacional de Educação Física", pois estava cada vez mais convencida da sua necessidade. Por outro lado, reconhecia a impossibilidade de um trabalho precipitado, sem amadurecimento pessoal ou exclusivo de um pequeno grupo.

E, finalmente, em novembro de 1942, lançou o "Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física", trabalho gigantesco, cujo esquema representava já o arcabouço geral do futuro "Método Nacional de Educação Física". Por êsse esquema, percebe-se que a D.E.F. avançou bastante no campo doutrinário, propondo inicialmente que o nosso método viesse repousar sobre as mesmas bases que fundamentam a educação. Nem de outra forma se poderia considerar o problema. Desta maneira, a biologia (vida orgânica), a sociologia (vida social) e a psicologia (vida psíquica) forneceriam fundamentos para o método em questão.

Êsse inquérito, destinado a auscultar a opinião dos técnicos e de todos os que se dedicassem ao assunto, constituiu-se de duas mil coleções organizadas, cada uma das quais continha os seguintes elementos:

- 1.º) Envelope para a remessa;
- 2.º) Circular esclarecendo as finalidades do inquérito;
- 3.º) Esquema de todo o arcabouço do Método, estando numeradas tôdas as legendas;
- 4.º) Opúsculo contendo notas explicativas, também numeradas, sobre cada uma das legendas correspondentes.
- 5.º) Caderno de papel almaço para a remessa de sugestões, com os elementos de identificação do autor na capa.
- 6.º) Envelope de devolução com franquia postal sob registro e endereço da Divisão de Educação Física já devidamente impresso.

O inquérito em aprêço foi um dos melhores organizados que já se levou a efeito em nosso país e mereceu valiosas contribuições. Infelizmente, com a saída do Ministro Gustavo Capanema, em 1945, a D.E.F. perdeu grande parte do seu apoio moral, não podendo prosseguir o interessante trabalho que vinha, então, realizando.

2. AS EXPERIÊNCIAS DA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Quando o Cap. Antônio Pereira Lira assumiu a direção da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, cheio de entusiasmo e dedicação, lançou-se em experiências com o objetivo de criar um "método ecieuco", retirando de cada um dos métodos existentes o que houvesse de melhor. Assim, valeu-se inicialmente da ginástica acrobática e depois da canstenia, da ginástica dinamarquesa, da ginástica sueca, do próprio método francês, além de influências recebidas da ginástica metodizada (Argentina) e de idéias norte-americanas sobre as provas práticas e tabelas de pontos para a verificação da capacidade física. Durante dois anos, a E.N.E.F.D. levou a efeito intensa disseminação de outras formas de trabalho que não fossem apenas as do Método Francês, como até então se verificara. Não se pode negar valor ao trabalho do Cap. Lira, embora, à época de sua realização, tivéssemos feito restrições a falta de orientação segura, de unidade indispensável e de sistematização adequada. Mas esse esforço teve o grande mérito de despertar o interesse por métodos ainda pouco divulgados em nosso país, alargando o horizonte dos professores de Educação Física, até então bastante limitados. Os dois mil professores de Educação Física existentes à época, diplomados pelas diferentes escolas especializadas do país, exceção feita à da Marinha, que adotava a canstenia, haviam estudado e conheciam apenas o método de Jouvine-le-Ront. E isto tornava difícil a substituição dos programas vigentes, pois era impossível, apenas com uma portaria ministerial, mudar, de um momento para outro, a mentalidade dos professores de Educação Física.

A Divisão de Educação Física do M.E.S. organizou, então, as "Diretrizes para a Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário", em caráter experimental, introduzindo adaptações no método francês e dando mais liberdade de ação aos professores, inclusive permitindo que, nos dias de chuva, pudessem ser ministradas sessões de canstenia ou de ginástica sueca.

Em 1948, na tese que apresentamos a Concurso para Livre Docente da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil sob o título "Crítica aos exercícios analíticos em face dos fundamentos bio-psico-sócio-filosóficos dos programas de Educação Física destinados a escolas primárias", demonstramos que o

método francês fôra a causa determinante da criação da cadeira de Metodologia nas escolas de Educação Física. E escrevíamos:

Não poderá ser negada a notável influência do Método Francês sobre todas as escolas civis de educação física existentes em nosso território, inclusive a própria Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Sabemos que o movimento de educação física, iniciado em 1922, partiu do Exército, e, portanto, nada mais natural que trouxesse para o âmbito civil toda a orientação por ele seguida. O próprio professorado de que se valeram as escolas civis tinha, todo ele, sido habilitado exclusivamente dentro da orientação do Método Francês difundido. E as escolas de educação física que se criaram, inclusive a própria Escola Nacional de Educação Física e Desportos, introduziram em seu currículo a cadeira de Metodologia da Educação Física com o objetivo único de transmitir aos respectivos alunos a doutrina, os fundamentos e a técnica do Método Francês. Em 1941, quando realizamos um dos nossos cursos de especialização da E.N.E.F.D., não tivemos dentro da cadeira em aprêço contato com outro assunto que não fôsse o referido método. E as gerações que se sucederam nessa Escola também rezaram pela mesma cartilha. Assim, a Metodologia — arte de dirigir o espírito na investigação da verdade — passara a ter as suas finalidades subvertidas. Não se procurou, por seu intermédio, criar uma consciência da tarefa que deveria o professor cumprir, orientá-lo, esclarecê-lo, dotá-lo do equipamento de recursos que lhe permitisse sentir o trabalho que viesse a realizar, ter o espírito de iniciativa que possibilitasse a mobilização de seus conhecimentos para melhor atender aos objetivos a que se propunham os diferentes tipos de estabelecimentos educacionais. E, com frequência, o trabalho ministrado sob o título de "educação física" até prejudicava as finalidades que deveriam ser alcançadas pela escola. Por falta de consciência do conteúdo de seu trabalho, muitos professores de educação física, nos estabelecimentos de ensino industrial, por exemplo, ministravam exercícios de trepar em corda, cabo de guerra e outros, caracterizados por intensa contração dos músculos dos membros superiores, que vinham prejudicando o trabalho de oficina dos alunos dos cursos de ourivesaria, pela diminuição da sensibilidade tátil. Os que regressavam das escolas de educação física o faziam convictos de que deveriam submeter os seus alunos ao mesmo regime a que tinham obedecido, quando de seus cursos, ensinando-lhes os exercícios, como se a sua finalidade fosse a de transformar cada educando em um professor de educação física. E a educação física, principalmente nos estabelecimentos de ensino secundário, foi desvirtuada completamente de suas finalidades, tornando-se as sessões enfadonhas, verdadeiro trabalho forçado, como classificou Claparède, despertando um sentimento de revolta nos educandos, para não dizer um estado de permanente fobia contra a educação física. Os

professôres ocupavam todo o tempo de que dispunham com intermináveis sessões de estudo e dezenas de relatórios que figuram nos arquivos, da Divisão de Educação Física, encerram trechos como o seguinte: "Infelizmente, pela falta de tempo, só nos foi possível ensinar até o exercício n.º 256". Essa afirmação é textual e por ela se poderá perfeitamente depreender a mentalidade dominante na maioria de nosso professorado especializado, responsável, em grande parte, pelo estado de decadência em que se encontra a educação física no Brasil. As coisas chegaram a tal ponto que a Divisão de Educação Física teve de dirigir centenas de ofícios endereçados nominalmente a cada professor, esclarecendo os objetivos da educação física na escola secundária, objetivos êsses que deveriam ter sido bem definidos nas aulas de Metodologia de tôdas as escolas de educação física. E' preciso que os alunos delas egressos adquiram não apenas os conhecimentos de que carecem, mas, e sobretudo, aprendam a mobilizar inteligentemente êsses conhecimentos de acôrdo com cada situação ante a qual se possam deparar. Geralmente lhes falta espírito de iniciativa, muitos poucos possuem personalidade, características êssas fundamentais a um professor de educação física. Estamos em situação de não poder, no ensino secundário sobretudo, modificar profundamente os programas de educação física, porque, antes de tudo, necessário se torna modificar a mentalidade dos professôres de educação física, dar-lhes flexibilidade mental, alargar-lhes horizontes que lhes foram limitados por uma formação deficiente ou viciosa.

A cadeira de Metodologia não deverá estar circunscrita ao ensino de um ou mais métodos ou sistemas de ginástica, à transmissão pura de conhecimentos, à repetição daquilo que os livros trazem, mas contribuir poderosamente para que os alunos obriguem seu espírito à meditação e, assim, possam penetrar na filosofia da Educação Física situando-a no tempo e no espaço e compreendendo o papel que lhes cabe desempenhar na civilização de nossos dias.

3. A INFLUÊNCIA DA II LINGÍADA

Em julho de 1949 realizou-se, na cidade de Estocolmo, a II Lingíada, festa em homenagem a Ling, o fundador da ginástica sueca e verdadeira figura de herói nacional. Compareceram 64 nações, dentre as quais o Brasil, com uma delegação constituída de 27 observadores incluindo-se representantes da Divisão de Educação Física, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, da Escola de Educação Física do Exército, da Escola de Aeronáutica, do Departamento de Esportes e Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, da Escola de Educação Física da Fôrça Policial de São Paulo, da Escola de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul e de várias outras instituições especializadas. As numerosas demonstrações assistidas influíram decisivamente, ao regresso dos delegados, entre

os quais nos encontrávamos, para alargar os horizontes da Educação Física em nosso país, dando-lhe maior flexibilidade e interpretação mais ampla. As relações estabelecidas com renomadas autoridades de outros países possibilitaram um maior intercâmbio realmente proveitoso, cumprindo destacar-se visitas que nos fizeram J. G. Thulim, que realizou conferências no Rio, em São Paulo e Pôrto Alegre, e Johanson Curtis, que ministrou cursos de ginástica sueca moderna em Santos, São Paulo, Pôrto Alegre e Rio.

Em agosto de 1949, após o regresso da Europa, submetemo-nos ao Concurso de Títulos e Provas para Catedrático de Metodologia da Educação Física e dos Desportos da E.N.E.F.D. da Universidade do Brasil logrando conquistar a cátedra. Refundindo completamente os programas vigentes, procuramos aproximar-nos mais da realidade, melhor correspondendo aos interesses da nossa infância e juventude, dando à formação do professor de Educação Física um caráter mais objetivo, a fim de que não fôsse êle apenas um professor de ginástica vinculado irremediável e estreitamente aos diferentes sistemas ginásticos. Iniciamos uma campanha demonstrando que os bons programas de Educação Física eram mais importantes que os melhores sistemas de ginástica, pois, quando adotamos *a priori* um sistema ou método qualquer, subvertemos a hierarquia de fins e meios em educação. A escola passa a servir ao método ao invés do método servir à escola.

Não é de Método de Educação Física o de que precisamos, mas, de programas, programas racionais, que satisfaçam perfeitamente às necessidades dos educandos em relação aos objetivos a que se propõem as escolas, segundo o seu tipo.

Hoje, formamos entre aquêles que não admitem a expressão "método de educação física", como inconcebível seria a expressão método de educação moral ou método de educação intelectual.

Método, segundo a definição clássica e de acôrdo com o significado etimológico — caminho para — é o conjunto de processos racionais empregados na procura da demonstração da verdade. Assim, a função do método será dirigir a ação do educando no sentido de que acumule aquelas experiências que lhe desenvolvem as capacidades exigidas pela sociedade atual. Essa deverá ser a função da cadeira de Metodologia na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Seria fastidioso demonstrar a inconsistência da denominação método de educação física, hoje repetida por todos os professôres, como nós também já a repetimos, isto é, sem tomar consciência do verdadeiro significado da palavra método e do conceito do vocábulo educação.

Antes de especificarmos as razões do conflito "Métodos x Programas", vamos efetuar algumas considerações sôbre o que entendemos por programas.

O programa representa a adequação dos meios para atingir determinado fim; portanto, antes de elaborá-lo, cumpre-nos determinar os objetivos que temos em vista. Ele deverá ser organizado de maneira tal que permita um rendimento certo ao fim do curso e, muitas vezes, isso não se verifica. Deparamo-nos sempre com a existência de dois programas: um formal e outro real. O primeiro representa uma promessa, quando organizado pelo próprio professor, e uma possibilidade quando elaborado por terceiros; o segundo está traduzido pelo trabalho que o professor efetivamente realiza, e, quase sempre, é inferior ao primeiro, mais pobre, mais reduzido, mais heterogêneo, quando não incompleto, com lacunas gravíssimas. Isso nos leva à conclusão de que cada professor realiza o seu próprio programa, principalmente, quando ele é centralizado pelo órgão diretor — no caso do ensino secundário, entre nós — muitos de cujos assuntos são completamente ignorados pelo professor que os vai ministrar. Cumpre que os programas sejam organizados não com aquilo que os alunos devem aprender ou realizar, mas com o que eles necessitam aprender ou realizar. Dewey nos afirma que o programa deverá resolver “o conflito entre a natureza individual e a cultura social”, e Francisco Campos diz que a “personalidade, a formação do caráter, são coisas superiores às matérias do ensino”. Segundo o conceito de Kilpatrick, a civilização está em constante mudança, o que significa que os seus fins estão variando a cada momento, exigindo conseqüentemente um reajustamento contínuo dos meios, que os programas representam. Tanto assim que, na reforma do ensino secundário, levada a efeito em 1931, e conhecida sob a denominação de Reforma Francisco Campos, estava previsto que os programas sofreriam uma revisão trienalmente, o que deixou de ser observado.

Ao elaborarmos um programa, uma vez que em cada idade a criança tem o direito de apren-

der ou realizar certas e determinadas coisas, deveremos considerar as possibilidades e as necessidades dos educandos, isto é, o que eles podem e necessitam obter.

Essas breves considerações nos permitem demonstrar a flexibilidade exigida pelos programas, a fim de que possam estar constantemente sendo reajustados a novos objetivos a que a escola tem de atender em face da constante mudança a que a civilização está obrigada. Um método de educação física traduziria, durante a sua vigência, a imutabilidade dos princípios propostos e representaria um estacionamento na evolução educacional. Por outro lado, impossível se torna organizar um método capaz de atender às exigências de todos os tipos de estabelecimentos educacionais, ainda que exagerando o seu ecletismo, o que representaria verdadeiro contra-senso, pois sabemos que o ecletismo significa liberdade de cada qual escolher o que julga melhor. Método eclético não parece denominação feliz, pois o adjetivo *eclético* não se ajusta ao substantivo *método*, da mesma forma que seria inadmissível a expressão *açúcar salgado*. Jamais poderemos ter um “Método de Educação Física” que possa simultaneamente atender às exigências das escolas primárias, secundárias, industriais, normais, superiores, institutos para cegos, surdos-mudos, débeis mentais desajustados da conduta, etc.

Não são os métodos de educação física que nos interessam, mas todos os tipos de atividades físicas que possam realizar obra educativa. São essas atividades que devem ser aprendidas e praticadas pelos alunos das escolas de educação física, porque, na verdade, somente elas vão realizar o objetivo pretendido: educação física. Os programas desta seção de oportunidade da educação, consoante as finalidades dos estabelecimentos a que se destinem, incluirão as atividades mais adequadas, estejam ou não previstas elas em algum método, qualquer que este possa ser.

(continua)